

## O CARRINHO DE PIPOCA

Minha casa fica em frente da "Escola de Comércio". Diariamente, antes do início das aulas noturnas, chega um homem velho, cansado, andando com dificuldade, vestido com pobreza e com um pequeno boné (parecido com o do Papa) ao alto da cabeça. Vem empurrando um pequeno carro de lata, com rodas de bicicleta, contendo de um lado uma panela e do outro, um lampião de gás. Estaciona perto da esquina e começa seu ritual: acende o lampião e uma luz mágica ilumina o carrinho, a rua e principalmente, o rosto dos moços.

É uma beleza, porque logo os estudantes acorrem e ficam falando, brincado, rindo e olhando o ancião. Aí, com muita dificuldade, o dono da luz dá a volta, abre outra portinha e começa a trabalhar na sua panela de alumínio.

Fogo, um pouco de óleo, um punhado de milho, uma pitada de sal. Dentro em pouco, após umas mexidas estratégicas, a coisa começa a estourar com o barulho da alegria. Em seguida, a panela repleta é levada para o outro lado e, com trêmulas mãos, a pipoca é colocada no depósito.

A criançada da vizinhança chega também inquieta, curiosa e ávida, para comprar os cartuchos de amendoim e de pipoca. Dá gosto ver os meninos, as meninas, os estudantes já

quase adultos em torno do caminho, do velho que fala pouco, pois é surdo, da maravilhosa luz que põe estrelas em seus pequenos e felizes olhos. Cada um fala mais alto, pedindo mais sal, reclamando o molho, disputando uma efêmera prioridade, a troco de uns minguados níqueis. De repente, toca o sinal da escola e é aquela correria. Num instante o velho fica sozinho na esquina agora deserta. Não se ouve mais a fala álaque dos estudantes, não se vê mais o reboiço das crianças. A campainha do dever espancou a - alegria, debandou a mocidade, fez fugir as estrelas dos olhares.

O homem, cansado, trôpego está de novo só, como estão todos os velhos do mundo. Vagarosamente, tira do bolso da camisa um toco de cigarro, apaga a luz feiticeira e vai sentar na guia da calçada, para descansar suas pobres pernas. É uma angústia, uma tristeza, a esquina escura, sem as crianças, sem a mocidade, sem as falas juvenis, sem a luz mágica. Até que chegue o intervalo das aulas, até que retome a mocidade a vida fica em suspenso, feia e triste, como ela realmente é.

Acho que o pipoqueiro, doente e solitário, só é feliz naqueles breves momentos em que acende o lampião e põe fogo em sua panela, quando estoura a alegria, quando as

crianças e os moços o cercam, trazendo o riso, a fala, a presença.

Tenho um pouco de inveja do velho e alquebrado pipoqueiro. Se me sobrar coragem, vou um dia pedir-lhe emprestados o carrinho, a panela e, principalmente, o lampião. Quero também acender minha luz, pondo estrelas nos olhos das outras pessoas, para que elas falem, riem, me cerquem... mandem embora minha solidão.